

Decisão do Bank of America não preocupa o governo

Acredita-se no Palácio do Planalto que a decisão do Bank of America e do Morgan de considerar como prejuízo (**non performing**) os créditos ao Brasil não afetará a situação do País. A maior preocupação do governo brasileiro seria com a manutenção dos créditos de curto prazo (comercial e interbancário), que totalizam mais de US\$ 15 bilhões. Mas aí a situação é tranqüila.

A orientação dada pelo presidente Sarney é no sentido de que o governo mantenha a moratória da dívida externa brasileira para os créditos de longo prazo (suspensão do pagamento dos juros), até que os credores do País no Exterior cheguem a um acordo com o governo. Este acordo, segundo as expectativas no Palácio do Planalto, terá de respeitar o que é considerada a principal prioridade do governo Sarney: a manutenção do crescimento econômico acelerado do País.

Segundo se informa no Palácio do Planalto, o Bank of America é um credor importante do Brasil no Exterior, respondendo por US\$ 2,723 bilhões de um total de US\$ 24,254 bilhões devidos pelo Brasil aos bancos privados norte-americanos, portanto, com 11,2% da dívida brasileira nos Estados Unidos.

A declaração de **non performing**, segundo se destaca no Palácio do Planalto, não atinge o total do débito brasileiro para com o Bank of America, mas apenas uma parte muito pequena.

Mas apesar da importância do Bank of America como credor brasileiro (o terceiro maior — somente superado pelo Citicorp e pelo Chase Manhattan), entende-se no Palácio do Planalto que a declaração de **non performing** é algo que diz respeito apenas ao relacionamento entre o banco e os seus investidores nos Estados Unidos. A interferência que isso possa ter no caso brasileiro é praticamente nula, segundo assessores do presidente. Eles também não acreditam numa generalização, nos Estados Unidos, desse tratamento para com os débitos brasileiros.

"Decisão Insólita"

"Uma decisão insólita, sem justificativa." Essa foi a reação ontem, do diretor da Área Externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, à iniciativa do Bank of America, de contabilizar como prejuízo US\$ 100 milhões da dívida brasileira de US\$ 1,9 bilhão para com aquela instituição dos Estados Unidos. Porém, ele prometeu verificar a veracidade da notícia veiculada pela agência **Reuters**. Por último, Freitas disse acreditar que o Bank of America não quis "inflar" seus lucros com créditos que seus dirigentes consideram como de reduzida liquidez.